

RUY — CRISTÃO

ANDRADE FURTADO

(Catedrático de Direito Administrativo)

O espírito luminoso de Ruy Barbosa apresenta, no panorama intelectual do País, facêtas variadas do seu deslumbrante e polimórfico talento.

Quanto mais se distanciam de nós as pegadas de sua passagem pelo campo das letras e do pensamento, maior se nos afigura o valor da sua obra cultural e o empenho de ardente civismo, que exerceu, em tôda a vida, para conduzir o Brasil no rumo dos altos destinos espirituais do mundo.

Não foi a glória de jurista, só por sí, que tornou o nome do ilustre compatriota tão notável e acatado em nossos círculos mentais.

A sua formação humanística, em base de sólido preparo, valeu-lhe, em verdade, extraordinária influênciã. Não está aí, entretanto, a razão eficiente da sua maior notoriedade.

A tribuna foi o cenário dos seus mais retumbantes triunfos, em momentos decisivos para a existênciã da nacionalidade. Dentro e fora das fronteiras, a sua palavra era o gládio do Direito, a serviço da Liberdade e da Justiça.

A eloquência, todavia, não resume o mérito dessa vocação de apóstolo das causas nobres da Humanidade.

O que fez de Ruy um luminar da época agitada em que viveu foi o seu sentimento cristão.

Nêle tivemos, positivamente, um denodado apologista da Ciência do Bem e da Verdade.

Encontramos aí o motivo essencial por que se afirmou, na

generalidade dos conceitos em torno da sua pessoa, um intérprete autêntico da opinião do seu povo.

A sua bagagem literária, tôda a sua formidável atuação jurídica reflete o ministério de luz e de amor do Cristianismo.

Foi, com efeito, edificante o seu exemplo de fidelidade às tradições religiosas da Pátria.

Num período de tanta ostentação de agnosticismo, o mestre de Direito Constitucional definiu, com clareza e segurança, a necessidade de se respeitarem as crenças ancestrais, a que devemos, na Terra de Santa Cruz, a educação moral da nossa gente.

Jamais deixou de reconhecer a majestade divina, no cômto magnífico de tôdas as coisas. Nunca tripudiou sôbre os princípios de honra e de integridade, em que se firmam os alicerces do verdadeiro progresso.

A mocidade patrícia encontra nesse vulto austero de político-filósofo um modêlo de acatamento à doutrina sôbre que se fundamenta a paz social, sem cujo império os Estados mergulham na anarquia ou na tirania.

Tem tôda a procedência aquela observação de Homero Pires: — A história da sua vida é a síntese de uma época.

Pela palavra e pela pena, combateu porfiosos combates, indicando os caminhos que conduzem à salvação ou à morte.

“No meio das ruínas e destroços de uma sociedade que, por todos os lados, se dissolve precipitadamente, a voz dêsse homem se levanta e se ergue — afirma o citado autor — tal como a do inspirado profeta, insubmisso e revôlto, estigmatizando os vícios, os crimes, as loucuras e as maldades da cidade condenada”.

Foi êsse clamor para advertir dos precipícios do Mal que tornou oracular o timbre da eloquência dêsse impertérito herói, na defesa do patrimônio espiritual da raça.

Dirigindo-se aos moços, numa oração memorável, deu-lhes a indicação do dever, nesta breve e lapidar sentença: — “Amar a pátria, estremecer o próximo, guardar fé em Deus, na verdade e no bem”. Anima-os a perseverar na trilha do trabalho: —

“Deus nos dá sempre mais do que merecemos”. E logo acrescenta: — “Descrer da cegueira humana, sim; mas da Providência, fatal nas suas soluções, bem que (ao parecer) tarda nos seus passos, isso nunca”.

Como são belas e sábias estas exortações: — “O ódio ao mal é o amor ao bem, e a ira contra o mal, entusiasmo divino. Vêde Jesus despejando os vendilhões do Templo ou Jesus provando a esponja amarga no Golgota.

Não são o mesmo Cristo, êsse ensanguentado do Calvário e aquêle outro, o Jesus iroso, o Jesus armado, o Jesus de látigo inexorável? Não será um só Jesus o que morre pelos bons e o que açoita os maus?”

Como proclama, em linguagem comovente, a pequenez das nossas previsões! “Que seria hoje de mim — afirma sem rebuços — se o veto dos meus adversários, sistemático e pertinaz, me não houvesse poupado aos tremendos riscos dessas alturas, “alturas de Satanaz”, como as de que fala o Apocalipse, em que tantos se têm perdido, mas a que tantas vêzes me tem tentado exaltar o voto dos meus amigos ?

Vejamos como recebia humildemente os desígnios do Senhor, na conformidade preciosa que o Evangelho ensina.

Num século de tanto orgulho, falava dos assuntos superiores com a dignidade dos crentes.

“Não é o saber da Ciência — escreveu êle tão expressivamente — que se libra acima das nuvens e alteia o vôo soberbo, além das regiões siderais, até aos páramos indevassáveis do infinito. Mas, ainda assim, êste saber fácil mereceu a Camões o ter a sua legenda insculpida em versos imortais; quanto mais a nós outros, “bichos da terra tão pequenos”, a ninharia de ocupar divagações, como estas, de um dia, fôlhas de árvore morta, que, talvez, não vinguem ao de amanhã.”

Preconizava a prece como remédio para as nossas angústias e insuficiências. “Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o íntimo sublimar-se

da alma pelo contacto com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar as energias do corpo e do espírito, mediante a ação contínua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos. O indivíduo que trabalha acerca-se continuamente do Autor de tôdas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende também a dêle. O criador começa e a criatura acaba a criação de si própria. Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor. Oração pelos atos, ela emparelha com a oração pelo culto. Nem pode ser que uma ande verdadeiramente sem a outra. Não é trabalho digno de tal nome o do mau; porque a malícia do trabalhador o contamina. Não é oração aceitável a do ocioso, porque a ociosidade a dessagra. Mas quando o trabalho se junta à oração e a oração com o trabalho, a segunda criação do homem, a criação do homem pelo homem, semelha, às vêzes, em maravilhas, á criação do homem pelo Divino Criador”.

Interpretando a validade da lei, o emérito jurista vai beber ensinamento nas páginas sagradas, como fonte da mais pura inspiração.

“Ora, dizia São Paulo, que bôa é a lei, onde se executa legitimamente. “*Bona est lex, si ea legitimè utatur*”. Queria dizer: Boa é a lei, quando executada com retidão. Isto é, boa será ,em havendo no executor a virtude, que no legislador não havia”.

Nunca, absolutamente, como se vê, foge de manifestar a sua convicção firme de que na fé está o caminho que conduz à prosperidade comum e à inteireza do caráter.

“A política experimental dos incrédulos — não trepidou em arguir — ainda não pôde agenciar para o grande ensaio, no grêmio da civilização, uma nacionalidade materialista. Até hoje, os celeiros do gênero humano, as terras onde lourejam as messes, onde florescem os linhos, onde se tecem as lãs, onde os rebanhos se renovam como a erva dos prados, são os que se fertilizam com o suor dos povos crentes.

Esbulhá-los do seu ideal era mais difícil que baní-los das suas pradarias, dos seus armentos, das suas searas, do seus linhares, das suas manufaturas. Porque, nesses povos, a consciência domina tôdas as instituições e todos os interêsses. A religião os fêz livres, fortes e poderosos. Pela religião fizeram as suas maiores revoluções. À sombra da religião fundaram os seus direitos. Tirassem a êsses Estados o seu ideal, que restaria? Grandes construções morais sem o cimento que as soldava. Tremendas fôrças sociais, sem o freio que as continha. Massas enormes, sem coesão que as detivesse, como os rochedos erráticos nas eras diluvianas, ou as aludes sôltas pelos despenhadeiros dos Alpes”.

Adotou, como sua, a observação criteriosa e exata do Cardinal Gibbons: — “A coação não converte o homem. Voluntariamente é que êle há de render a cidadela da sua alma.”

Tomou, de maneira vibrante, a defesa da Igreja de Roma, mostrando, com o argumento irrespondível dos fatos, que não poderia ter mais estrondoso desmentido a noção vulgar de que o Catholicismo é um culto decadente e uma religião esterilizadora.

O homem, na sua nobre definição, é o espírito fecundado na íntima fusão da liberdade com a fé. Condenou, de modo veemente, as restrições às garantias da consciência. “Não há um só dêsses excessos da intolerância, que não aflagisse, que não enxovalhasse, desnaturasse e arruinasse as nações, a quem a razão de estado os haja imposto, sob os despotismos antigos e modernos”.

Concitou a que se resistisse com denôdo às invasões da impiedade, lembrando, com a sua extraordinária argúcia de visão, que todos os mandamentos se encerram naquele que subordina o amor dos homens ao amor de Deus.

“Nem o ateísmo reflexivo dos filósofos, nem o inconsciente ateísmo dos indiferentes — asseverou êle — são incompatíveis com as qualidades de ação, resistência e disciplina essenciais aos povos livres.

Os descrentes, em geral, são fracos e pessimistas, resignados

ou rebeldes, agitados ou agitadores. Mas ainda não basta crer: é preciso crer definida e ativamente em Deus, isto é, confessá-lo com firmeza e praticá-lo com perseverança”.

Apontou ao desprezo “a ciência convencional dos ignorantes e doutos”.

“Oponde ao desdém e às zombarias — aconselhou à juventude — o exame calmo da superficialidade dos zombeteiros e ridores”.

Êles manejam, sistemáticamente, com efeito, “fórmulas estereotipadas, frases de convenção e ôcos rufos de saber”, tentando, assim, resolver os formidáveis enígmias humanos.

E’ por isso que Ruy, de maneira solene e incisiva, afiança que Deus é a necessidade das necessidades, Deus é a chave inevitável do Universo, Deus é a incógnita dos grandes problemas insolúveis, Deus é a harmonia entre as desarmonias da Criação!

Aquêlê que foi chamado por tôdas as competências a maior expressão da intelectualidade brasileira, que caminhava, no dizer de alguém, “com um pé no futuro”, o mais prodigioso talento verbal do seu tempo, nunca lhe faltando a rigorosa forma para a exteriorização da idéia, colocou sempre o poder do seu raciocínio e a luz do seu entendimento ao serviço das mais altas e nobres conquistas da Civilização, que assenta as suas bases no fundamento indestrutível do Evangelho.

E’ ao Ruy cristão, compreensivo, clarividente, o mais dócil e brando dos homens, na afirmação de Medeiros e Albuquerque, que rendemos, no centenário glorioso do seu nascimento, a homenagem do nosso justo e sincero preito de admiração.